

4468

4640

152

95

5

Tráfico de mogno continua afetando índios da Amazônia

Além de prejudicar o meio ambiente, a exploração criminosa de madeira nobre ameaça nativos

Jornalistas britânicos viram as dificuldades que os índios sofrem com a ilegalidade

LONDRES — O tráfico de mogno, que ameaça a vida dos membros das tribos indígenas, continua sem tréguas na Amazônia brasileira, segundo um informe da televisão britânica. A reportagem, incluída na série "Dispatches", do Channel Four, afirmou que o "escandaloso" tráfico de madeira nobre continua afetando a vida dos indígenas no Brasil, violando os acordos internacionais e com graves conseqüências para o meio ambiente.

Jornalistas britânicos, fazendo-se passar por consultores da indústria madeireira, ingressaram em áreas de corte de madeira, próximas ao povoado de Tucuma.

Utilizando um sistema global de posicionamento de alta tecnologia, os repórteres conseguiram estabelecer que o desmatamento acontecia em territórios da reserva protegida dos índios xikrin do catete.

Viajando pelo rio Amazonas, os jornalistas se encontraram com índios da etnia arara, os quais expressaram profunda preocupação com o corte ilegal que continua em suas terras.

"Eles destróem o bosque, a floresta, a caça", disse um arara, "e não teremos nada para comer. Se não podemos comer morremos de fome". Os madeireiros enganam os indígenas com promessas de melhorias para as comunidades instaladas nas áreas de floresta.



Entidades internacionais condenam o contrabando de mogno e de outras espécies de madeira da Amazônia

Associação adquire a madeira ilegal

A Associação Internacional do Comércio de Madeiras (Aimex) assinou, há três anos, um acordo com seus sócios britânicos, pelo qual estes se comprometiam a não comprar mogno protegido. Mas o programa de televisão mostrou que a madeira cortada ilegalmente nas reservas indígenas, por pequenas empresas, é posteriormente adquirida por empresas maiores filiadas à Aimex e exportada para a Grã-Bretanha.

O programa seguiu a rota dos troncos de mogno que foram cortados ilegalmente em uma reserva indígena até uma serraria local, de onde, com documentação falsa, foram enviados a uma empresa de exportação dinamarquesa filiada à Aimex. A empresa dinamarquesa, depois de tomar conhecimento da origem do mogno que havia adquirido, afirmou que suspenderia a im-

portação de madeiras dessa serraria a fim de conduzir uma investigação.

Os repórteres mostraram as provas à agência de proteção ambiental do governo brasileiro (Ibama), que se negou a confiscar a madeira, chegando a afirmar um de seus funcionários que era filmado secretamente: "Se querem atuar como espíões, que o façam em seu próprio país".